

Uma Breve Análise Teológica do Hiperpreterismo

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

De tempos em tempos tenho recebido cartas de homens que se declaram “reconstrutivistas” e “preteristas consistentes”. O “preterista consistente” crê que toda profecia foi cumprida na destruição do templo, no ano 70.d.C., incluindo o segundo advento, a ressurreição dos mortos, o grande julgamento e assim por diante. Devido ao meu ministério primário contra o velozmente mutável dispensacionalismo, não tenho tempo para tratar extensivamente com esse assunto, mas tenho alguns pensamentos que farei públicos neste artigo. Esses pensamentos são baseados em leituras de livros e publicações mensais, dos quais tenho em grande número.

Começamos observando que, em primeiro lugar, eu não sei como alguém pode credivelmente alegar ser pós-milenista e hiperpreterista, nem entendo como alguém pode alegar ser reconstrutivista, enquanto mantendo seu hiperpreterismo. Se todas as profecias foram cumpridas nos eventos do primeiro século, então quem pode dizer que é a vontade de Deus que o evangelho exerça uma vitória mundial? Não resta nenhuma palavra de profecia para nos informar tal coisa. Além do mais, a posição hiperpreterista não pode ser teonômica, visto que em sua visão a Lei se cumpriu com a extinção da ordem judaica (Mt. 5:17-19). Assim, um hiperpreterista não pode ser um reconstrutivista (pós-milenista teonômico) sobre fundamentos exegéticos (ainda que seu coração possa desejar uma visão reconstrutivista do mundo).

Ademais, há vários problemas exegéticos e teológicos que tenho com o ponto de vista hiperpreterista. Eu creio que meu preterismo ortodoxo e histórico seja um preterismo exegético (pois encontro passagens específicas que requerem eventos preteristas específicos); considero as visões de Max King e Ed Stevens como sendo um preterismo teológico ou abrangente (eles aplicam conclusões exegéticas extraídas de várias passagens escatológicas para todas as passagens escatológicas, por causa de seu paradigma teológico). Deixe-me listar rapidamente algumas das minhas objeções presentes; espero encontrar tempo mais tarde para sentar e trabalhar no assunto como um todo (visto que o dispensacionalismo se encontra numa transição radical e eu tenho um ministério voltado para com os dispensacionalistas, tenho tentado focar todo tempo livre que consigo sobre o dispensacionalismo).

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com.

Fracasso Credal

Primeiro, o hiperpreterismo é heterodoxo. Ele está fora da ortodoxia credal do Cristianismo. Nenhum credo menciona um segundo advento no ano 70 d.C. Nenhum credo menciona qualquer outro tipo de ressurreição que não seja a do corpo. Os credos históricos falam do julgamento universal e pessoal de todos os homens, não de um julgamento representativo no ano 70 d.C. Seria extraordinário se toda igreja que sobreviveu ao ano 70 d.C. perdesse o próprio entendimento do *eschaton* e não percebesse que seus membros ressuscitaram! E que as próximas gerações não tivessem nenhuma indicação da grande transformação que ocorreu! A igreja cristã em sua totalidade falhou em reconhecer os contornos básicos da escatologia cristã nos seus primeiros 1.900 anos?

Clareza Bíblica

Segundo, o hiperpreterismo tem sérias implicações para a clareza da Escritura. Esse ponto de vista não somente tem implicações para os credos posteriores, mas para as habilidades instrucionais dos apóstolos: ninguém na história da igreja sabia as questões principais das quais eles falaram – até muito recentemente! As Escrituras são impenetráveis num assunto dessa importância? Clemente de Roma viveu durante o ano 70 d.C. e não teve nenhuma idéia de que tinha ressuscitado! Ele continuou a esperar uma ressurreição física (*Clemente* 50:3). Os (supostos) netos de Judas ainda aspiravam uma ressurreição física (cf. *Eusébio*, EH 3:24:4). Quem quer que esses homens fossem, eles viveram na primeira geração e na terra de Israel – com absolutamente nenhuma idéia de uma ressurreição no ano 70 d.C. ou um segundo advento decorrido. Veja também o Didaquê 10:5; 16:1ss (primeiro século); Inácio; Trallians 9:2; Smyrnaens 2:1; 6:1; Carta a Policarpo 3:2 (começo do segundo século); Policarpo 2:1; 6:2; 7:1. Veja também Papias, Irineu e Justino Mártir.

Berkouwer observa corretamente que a razão pela qual a ressurreição encontrou aceitação credal logo cedo foi devido à clara ênfase do Novo Testamento sobre ela. A visão hiperpreterista tem implicações sérias e embaraçosas para a clareza da Escritura – e isso a despeito do fato que estamos agora (supostamente) em nossos estados ressurretos e temos o Espírito Santo derramado em nós, bem como seus dons de mestre, que deveriam nos proteger de todo vento de doutrina (Efésios 4)!

Nenhum Cânon

Terceiro, o sistema hiperpreterista deixa o cristão da Nova Aliança (em nossa era pós-70 d.C.) sem um cânon. Se toda profecia foi cumprida antes de 70 d.C. e se todo o Novo Testamento fala de assuntos do período de tempo pré-70 d.C., não temos nenhuma passagem diretamente relevante para nós. O Novo Testamento inteiro deve ser transposto antes de podermos usá-lo.

Fracasso Hermenêutico

Quarto, o hiperpreterismo sofre de sérios erros em sua metodologia hermenêutica. Quando uma passagem contextualmente definida aplica-se ao

evento 70 d.C., o hiperpreterista tomará todas as passagens com linguagem similar e aplicá-las-á a 70 d.C. também. Mas a similaridade não implica em identidade; Cristo limpou o templo duas vezes e de formas virtualmente idênticas; mas os dois eventos não são o mesmo. Além do mais, devemos distinguir sentido e referência; há vários tipos de “ressurreição” na Escritura: os ossos secos de Ez. 37; a redenção espiritual em João 5:24; a redenção física do túmulo em João 5:28; a renovação de Israel em Cristo em Romanos 11:15; e da Besta em Ap. 13:3. Eu sustento que as passagens que especificamente delimitam o período de tempo por indicadores temporais (tais como “esta geração”, “brevemente”, “em breve”, “perto” e expressões similares) devem ser aplicadas a 70 d.C., mas passagens com expressões similares podem ou não serem assim aplicadas.

Erros de Ressurreição

Quinto, há um sério problema com a remoção da ressurreição física da teologia sistemática. A ressurreição de Cristo é expressamente declarada ser o paradigma da nossa (1Co. 15:20ss). Todavia, sabemos que sua ressurreição foi física e tangível (Lc. 24:39), enquanto a nossa é (supostamente) espiritual. O que aconteceu com a analogia bíblicamente definida entre a ressurreição de Cristo e a nossa no sistema hiperpreterista?

Erros Antropológicos

Sexto, há vários outros problemas teológicos e exegéticos com a ressurreição apenas espiritual. Em primeiro lugar, a visão hiperpreterista tende a diminuir o significado das implicações somáticas do pecado: o pecado de Adão teve efeitos físicos, bem como efeitos judiciais e espirituais; onde é que isso é tratado no sistema hiperpreterista? As implicações da morte não são apenas judiciais e espirituais, mas também físicas (Gn. 3:14,19; Rm. 6:23). Se os cristãos estão agora cumprindo a expectativa da ressurreição da Escritura, então os gnósticos dos primeiros séculos estavam corretos! A palavra física parece ser supérflua, no ponto de vista hiperpreterista. A antropologia do hiperpreterismo é defeituosa nisso, não permitindo a importância teológica da natureza corpo/alma do homem (Gn. 2:7). Isso pode ter implicações também para a pessoa de Cristo e a realidade da sua humanidade.

Questões Pungentes

Sétimo, com respeito ao ensino de Cristo e dos apóstolos, devemos nos perguntar por que Paulo foi zombado pelos gregos em Atos 17 por crer na ressurreição, se ela não era uma realidade física. Devemos nos perguntar por que Paulo se alinhava com os fariseus na questão da ressurreição (Atos 23:6-9; 24:15, 21). Devemos nos perguntar por que nós cristãos ainda casamos e nos damos em casamento, visto que Cristo disse que na ressurreição não casaríamos (Lc. 20:35). Devemos nos perguntar por que os apóstolos nunca corrigiram a noção espalhada de uma ressurreição física, que era tão corrente no Judaísmo (cf. Josefo, Talmude, etc.). Devemos nos perguntar por que nós cristãos “ressurretos” ainda precisamos morrer; porque não deixar esse mundo como Enoque e Elias? Ademais, quando e o que é a ressurreição dos perdidos (Jo. 5; Ap. 20)? Paulo considerou Himeneu e Fileto como tendo pervertido a fé de

alguns ao dizer que a ressurreição era passada (2Tm. 2:17-18). Uma visão errônea da ressurreição era um assunto sério para Paulo.

Efeitos da Ressurreição

Oitavo, me pergunto, sob a visão hiperpreterista, que diferença nossa ressurreição faz nesta vida? Adoecemos e enfraquecemos na mesma escala daqueles que viveram antes da ressurreição de 70 d.C. Essa gloriosa ressurreição do “corpo espiritual” não tem nenhum impacto em nossa condição presente? Uma análise hiperpreterista pode nos fazer pensar que Paulo via o ano 70 d.C. como um agente de alívio dos gemidos e tentações da carne (Rm. 7:25); todavia, ainda temos tais coisas – a despeito da suposta ressurreição.

Implicações Cristológicas

Nono, Atos 1 claramente define o segundo advento de Cristo em termos da sua ascensão, que foi física e visível. Por exemplo, em Atos 1:8-11 Lucas é cuidadoso em dizer que os discípulos estavam “vendo-o” (RC) como ressurreto; ele foi recebido e “[ocultado] a seus olhos” (v. 9b); eles estavam “com os olhos fitos no céu” enquanto ele “subia” (v. 10); eles estavam “olhando” (v. 11); eles viram (v. 11, NVI). Claramente, sua ascensão foi um fenômeno visível e glorioso envolvendo seu corpo ressurreto tangível. E havia uma nuvem real e visível junto com ele (v. 10). Os mensageiros angélicos resolutamente declaram “este mesmo Jesus” (isto é, o Jesus que eles conheceram por três anos, que está agora num corpo ressurreto tangível) “voltará da mesma forma como o viram subir” (NVI). O grego *on tropon* significa literalmente “de que maneira”. A frase grega “nunca indica mera certeza ou semelhança vaga; mas sempre que ocorre no Novo Testamento, denota identidade de modo ou maneira” (A. Alexander, *Atos*, ad loc.). Consequentemente, temos garantia bíblica expressa para esperar um retorno de Cristo visível, corporal e glorioso, correspondente em tipo à sua ascensão. A posição hiperpreterista é contrária a esse claro ensino da Escritura.

Um Milênio Breve

Décimo, se o ano 70 d.C. termina o reino Messiânico de Cristo (cf. a visão hiperpreterista de 1Co. 15:24,28), então a gloriosa era Messiânica profetizada por todo o Antigo Testamento é reduzida a um intervalo de 40 anos, enquanto que por todas as opiniões ela é uma era prolongada e gloriosa. Um problema com o pré-milenismo é que ele reduz o reino de Cristo a mil anos literais; o hiperpreterismo o reduz a quarenta anos! As expressões proféticas do reino tendem a falar de um enorme período de tempo, até mesmo empregando termos que são frequentemente usados para a eternidade. O reino de Cristo foi um paralelo exato ao de Davi, que durou o mesmo espaço de tempo?

Erros da História e da Igreja

Décimo-primeiro, os hiperpreteristas eternalizam o tempo, ao permitir que a história continue para sempre. Isso não somente vai contra declarações expressas da Escritura, mas também tem Deus tratando com um universo no qual o pecado permanece para sempre e sempre e sempre. Não há nenhuma conclusão final para a questão da rebelião do homem; não há nenhuma

contabilidade final do pecado. Cristo nos diz que o julgamento será contra os rebeldes em seus corpos, não corpos “espirituais” (Mt. 10:28). O sistema hiperpreterista não abrange o passado suficientemente (até a Queda e a maldição do mundo físico) para ser capaz de entender o significado da redenção enquanto esta se move para uma consumação final e conclusiva, libertando o mundo que foi amaldiçoado pelo pecado. O fracasso total do primeiro Adão deve ser sobrepujado pelo êxito total do Segundo Adão.

Labor Eclesiástico

Décimo-segundo, o hiperpreterismo tem sérias implicações negativas para o labor eclesiástico. A Grande Comissão está delimitada a era antes de 70 d.C., devido à interpretação de “o fim” pelos hiperpreteristas? (Mt. 28:20). A Ceia do Senhor é supérflua hoje, tendo sido cumprida (supostamente) no segundo advento de Cristo em 70 d.C. (1Co. 11:26)?

Sobre o autor: Kenneth L. Gentry tem vários títulos em teologia, incluindo um Th.D. do Seminário Whitefield. Ele é pastor da Igreja Presbiteriana de Reedy River, em Conestee, Carolina do Sul, e escreveu vários livros e inúmeros ensaios.